

# A família e os seus dramas por um herdeiro de Truffaut

**Festival.** No atual cinema francês, Arnaud Desplechin é um dos mais legítimos herdeiros da grande tradição melodramática – a sua obra tem retrospectiva no Lisbon & Estoril Film Festival

JOÃO LOPES

No passado mês de maio, Arnaud Desplechin marcou presença na secção competitiva do Festival de Cannes com *Jimmy P*, filme insólito que retrata a experiência do psicanalista Georges Devereux (Mathieu Amalric) ao acompanhar o processo clínico de Jimmy Picard (Benicio del Toro), um índio que combateu na Segunda Guerra Mundial e cujo caso de esquizofrenia se transformou em objeto de investigação e polémica no interior da comunidade científica.

Apesar de alguns entusiastas (entre os quais me incluo), *Jimmy P* (exibido hoje, 21.30, C. Congressos Estoril) foi genericamente recebido com indiferença. E pela pior das razões. Ainda que de forma pouco explícita, muitos elementos da classe jornalística preferiram aconchegar-se no cinismo cultural segundo o qual um autor francês a filmar um tema americano, nos EUA, não pode ser coisa muito séria...

A retrospectiva de Desplechin a apresentar em Lisboa e no Estoril (ver programa em [leffest.com](http://leffest.com)) servirá para desmentir tais maniqueísmos. Desde logo, porque Desplechin tinha já rodado um filme em língua inglesa: o belíssimo *Esther Kahn* (2000), história de finais do séc. XIX, em Londres, centrada numa jovem (Summer Phoenix) que vive de forma dramática a sua iniciação como atriz de teatro. Depois, porque estamos perante um cineasta que, um pouco como André Téchiné (da geração anterior), mantém uma fidelidade às convulsões do melodrama que tem tanto de europeu como de americano.



Arnaud Desplechin em rodagem: uma filmografia que podemos (re)ver em Lisboa e no Estoril

As componentes melodramáticas da obra de Desplechin são indissociáveis de algumas atribuladas viagens pelo espaço familiar, em particular em dois títulos que, até pela sua duração (ambos com duas horas e meia), possuem algo de épico. São eles *Reis e Rainha* (2004) e *Um Conto de Natal* (2008). O primeiro centra-se nos problemas de um par (Emmanuelle Devos/Mathieu Amalric) que, no momento da sua separação, tenta encontrar um equilíbrio capaz de apaziguar, antes de tudo o mais, as memórias afetivas que assombram a sua existência. O segundo desemboca na agi-

tada quadra natalícia de uma família também marcada por complexas heranças sentimentais, polarizadas na doença do seu patriarca (Jean-Paul Roussillon).

*La Vie des Morts* (1991), primeira longa-metragem de Desplechin (em boa verdade, trata-se de um filme com 54 minutos de duração), prenuncia algumas das principais linhas de força do seu trabalho. Também aí há uma família que se reúne por causa de uma situação crítica – a tentativa de suicídio de um dos seus elementos mais jovens –, vendo-se compelida a enfrentar os seus silêncios mais perturbantes.

O apurado sentido do detalhe, a disponibilidade para lidar com as singularidades de cada personagem, enfim, a capacidade para dirigir os seus atores para além de qualquer estereótipo psicológico (ou de vedetismo) conferem ao cinema de Desplechin uma dimensão complementar de observação crítica dos “usos e costumes” sociais. Nessa medida, a sua obra pode ser vista também, em grande parte, como um roteiro da sociedade francesa das últimas décadas. Uma vez mais, o gosto melodramático não será alheio a tal visão, fazendo de Desplechin um dos mais legítimos herdeiros de um mestre da Nova Vaga, François Truffaut.

**Lisbon  
Estoril**  
Film Festival



## Cinema

Lisbon  
& Estoril  
Festival  
destaca  
Desplechin

**ARTES** PÁG. 39